

A “busca” da felicidade



Dib Curi

O ser humano já não basta a si mesmo. Do fundo da sua insatisfação consigo é que brotam as ervas daninhas dos vícios, da ambição e do consumismo.

Um tema muito interessante para pesquisarmos são as razões pelas quais o ser humano progride tão rápido nas questões materiais e tão lentamente em sua dimensão espiritual e ética.

Será por força da necessidade ou somos mesmo uns alienados? Será que estamos nos iludindo com falsas expectativas sobre nós? Será possível que estejamos carregando um pecado original? Afinal, porque tanto conhecimento e tão pouca compreensão?

Será que somos ociosos e vazios e precisamos de preenchimento constante? Temos consciência do nosso estado interior? Porque criticamos o consumismo sem levar em conta nossos próprios desejos? Porque condenamos a violência e não a enxergamos em nós mesmos? Qual a razão de nos compadecermos tanto dos loucos quando somos nós que agendamos o dia da felicidade para depois de amanhã?

O que há conosco? Será que comemos mesmo do fruto da árvore do conhecimento do Bem e do Mal? Caros leitores, me permitam a prepotência de imaginar a resposta do Criador:

- “Se lhe falta a fé de viver em mim, por mim e para mim, então que experimente viver por si, em si e para si.”

Quem é Deus? Será que a resposta não está justamente na pergunta? Qual é o propósito de nossa Vida? De onde vem o medo que sentimos? Que valores contribuem para nos aproximar e nos afastar do que somos?

Muitas expressões da cultura acenderam a possibilidade de um despertar espiritual. Segundo algumas visões milenares, vivemos em ilusões e repetições intermináveis. Tão envolvidos estamos com nossas próprias memórias, dores, medos e desejos que não conseguimos ver a realidade, mas só os becos escuros de nossas próprias frustrações e esperanças.

Acomodados em confortos seculares, amaciados por contentamentos sensoriais e com medo de perdermos o que conquistamos, aderimos a padrões de conduta que acreditamos nos proteger do pior

imaginado. Assim, seguimos rezando uma ladainha de blefes rotineiros. Por medo de viver, não cabemos mais em nós mesmos.

Estamos profundamente necessitados de mais recursos interiores, mas nos habituamos a busca-los fora de nós mesmos. Assim, aumentamos a exploração do meio ambiente e de nossos semelhantes. Se continuarmos desta forma, nossos principais problemas sociais continuarão se agravando, principalmente, a crise ambiental e a disparidade de oportunidades entre ricos e pobres.

A tradição acadêmica, que sempre lutou pelo aprofundamento do sentido de humanidade, tem abandonado estas lidas para valorizar, cada vez mais, as especializações citadas nas cartilhas do desenvolvimento econômico. As escolas seguem o mesmo rumo. Contudo, o saber específico não traz compreensão da Vida. Conhecimento não é Sabedoria. Precisamos de sábios e não de especialistas que, no fim das contas, só legitimam o poder de poucos sobre muitos. O verdadeiro desenvolvimento humano necessita de auto-conhecimento, sensibilidade, afeto, vocação e olhar holístico. O generalismo está desaparecendo da história e com ele as autênticas Filosofias da Vida.

Na pasmaceira de um mundo “experto”, controlado e esvaziado de seus valores mais profundos, nós, os leigos, inventamos dezenas de fascinações em pequenos pecados cotidianos. Salve a propaganda, o marketing e os shoppings; os verdadeiros templos da modernidade. O desenvolvimento econômico acabou por se tornar a forma mais atraente de ludibriar o espírito humano. A busca ansiosa pelo contentamento corrompe a compreensão da felicidade.

No fim das contas, parecemos desconhecer completamente a oportunidade única de celebração e expressão pessoal que é a Vida. Chegou a hora de levantar a mão quem vai tentar mudar o mundo. Mas antes, por favor, traga as mãos vazias de quem nada quer em troca, os olhos limpos e acesos de quem vê Deus em tudo e o sorriso de quem sabe que a felicidade não está no fim, mas no início; em nós mesmos e não nas coisas; agora e não depois.

planeta poesia



Série Poetas da Região:

LUHLI

Se você compõe poesias, mande seus versos que o Século XXI publica. Mande para a CAIXA POSTAL 89675 - CEP: 28610-972, Nova Friburgo (RJ) ou para o e-mail seculo21@gigalink.com.br

CALENDÁRIO 2

Nunca acreditei na mulher
provocando no calendário
a inveja das magrelas
a tara dos otários
seios de silicone
sorriso em acrílico neve
peruca de fios chineses
quem a quer que a carregue
povoando solidões
cabines de caminhões
nos quartos mais solitários
pelas portas dos armários

Quanto mais o tempo passa
mais ela cobre com véu
um erotismo de plástico
fútil bundinha ao léu
eterna na posse do nada
sereia da madrugada
devorando sonhos no breu
seja o que for, sou mais eu

Acredito em minhas rugas
marcas da vida, certezas
corpo forjado em memórias
outra espécie de beleza
o tempo existe e eu existo
me deu todo o necessário:
um lápis, rabisco um bigode,
e adeus, moça do calendário.

NUNCA

Nunca diga nunca
Nunca, não desista
Nunca negue nada
Para que o nada exista
No nada se forma
A obra do artista
Tudo e nada é só
Questão de ponto de vista.

VÉSPERA

Espero a véspera
mais que o dia
o melhor da fome
é a barriga vazia
na boca do forno
o sonho do bolo
na beira da cama
a um passo da orgia.

Véspera é de água fria
de fazer unha cuidar cabelo
se mirar nas roupas e fazer bainha
a festa é de todos
mas a véspera é coisa minha

Vou morrer, disso estou certa.
Mas na véspera, duvido.

SABOROSA

Degustar-te
É um sem fim
Como beijar-te
Tanto assim
Prato adentro
Revolvo a solidão
Desse momento
Fatiado sentimento
Sem acompanhamento

Molho de gula pura
Raiva na mistura
Pólvora no colchão

O gozo de hoje
Amanhã virou lixo
Bicho é fome sem fim
Para saciar-me
Só sendo sabor
Em mim.



Trilhas do Araçari



Sábado Ecológico | Almoço Vegetariano | Trilha Guiada

Mury - Nova Friburgo - www.trilhasdoaracari.com | (22) 9235.5434